

## ESTIGMA DA SEXUALIDADE E SEUS EFEITOS: UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE PREVENÇÃO E VIOLÊNCIA SEXUAL

Andréa Fernandez Griffo<sup>1</sup>  
Débora Fernandez Antonon Silvestre<sup>2</sup>  
Fabrício Augusto Correia da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** O estigma ligado à sexualidade diz respeito ao preconceito e à discriminação que indivíduos enfrentam por causa de suas identidades ou comportamentos sexuais que não se conformam às normas culturais estabelecidas. Esta pesquisa tem como objetivo a investigação do que temos de produção acadêmica em relação à temática da Educação Sexual e a sua relação com os estigmas da sexualidade, a violência sexual e sua prevenção. Os dados da pesquisa foram obtidos a partir de um levantamento bibliográfico realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações nos últimos dez anos. Através do mapeamento, concluiu-se que há uma necessidade de intervenções mais sistemáticas nos espaços escolares e a denotação de uma carência de políticas abrangentes que integrem a educação sexual no currículo escolar como ferramenta de prevenção contra abusos e violência.

**Palavras-chave:** Estigmas. Prevenção. Sexualidade. Violência sexual.

### 1 INTRODUÇÃO

O estigma relacionado à sexualidade refere-se ao preconceito e à discriminação que pessoas enfrentam devido a suas identidades ou comportamentos sexuais que não se alinham com as normas culturais predominantes. Esse estigma pode se manifestar de várias maneiras, incluindo exclusão social, julgamentos negativos e até mesmo violência, afetando profundamente a vida e o bem-estar dos indivíduos. Muitas vezes, é sustentado por normas culturais, religiosas e sociais que impõem visões restritivas sobre a sexualidade.

Os efeitos do estigma são amplos e podem impactar seriamente a saúde mental e física das pessoas, contribuindo para problemas como ansiedade, depressão e baixa autoestima. Além disso, o estigma pode criar obstáculos significativos para o

<sup>1</sup>Mestranda em Educação Sexual, UNESP/FCLAR.

<sup>2</sup>Mestra em Educação Sexual, UNESP/FCLAR.

<sup>3</sup>Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA (Uniará) e Professor titular de cargo da Educação Básica I junto à Prefeitura Municipal de Jaboticabal-SP. Doutorando em Educação pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (Unifesp).

acesso a serviços de saúde e apoio, dificultando a prevenção e o tratamento de casos de violência sexual e outras questões relacionadas.

Para combater o estigma, é essencial promover a aceitação e a compreensão da diversidade sexual, implementar políticas que promovam a inclusão e educar a sociedade sobre as experiências e desafios enfrentados por diferentes grupos. Apenas por meio de uma abordagem empática e informada é possível reduzir o estigma e suas consequências prejudiciais, criando um ambiente mais seguro e respeitoso para todos.

Goffman (1975) afirma que o estigma pode ocorrer devido a três circunstâncias: abominações do corpo, como as diversas deformidades físicas; culpas de caráter individual, como: desonestidade, crenças falsas; e estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos pela linguagem. Em todas essas tipologias pode-se encontrar a mesma característica sociológica: “um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (Goffman, 1975 p.14).

O processo de estigmatização pode variar conforme a visibilidade e a evidência das características de um indivíduo. As interações sociais entre indivíduos que não enfrentam estigmas e aqueles que são estigmatizados são moldadas pelas percepções dos primeiros. Essas relações não são equitativas devido ao sistema de percepções que as pessoas não estigmatizadas possuem e ao conjunto de categorias que utilizam, o que dificulta a inclusão completa de uma pessoa estigmatizada em uma categoria esperada para ela. Assim, alguém que se encontra fora da categoria esperada pode ser tolerado, mas não totalmente aceito.

## 2 OBJETIVO

Com base nos conceitos elencados no Quadro 1, nosso objetivo é investigar a produção acadêmica existente sobre Estigmas na sexualidade, especialmente em relação às violências sexuais, e identificar se existem estratégias de prevenção no âmbito educacional. Para isso, iniciamos uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT), focando nas publicações dos últimos dez anos sobre essa temática.

## 2.1 Método de análise

Primeiramente, realizamos uma revisão da literatura para reunir, examinar e sintetizar os conhecimentos disponíveis sobre estigmas na sexualidade e sua prevenção na área da educação. Esse processo incluiu uma pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, abrangendo os últimos dez anos, para identificar as publicações existentes sobre o tema. Após selecionar e organizar os estudos pertinentes, procedemos com a análise e síntese dos resultados obtidos.

Um primeiro levantamento incluindo o termo “estigma” na busca avançada com os filtros “Educação”, “Prevenção”, “Sexualidade” em “Todos os assuntos”, nos anos de: 2014 – 2024, no “Idioma: Português” resultou em trezentos e oitenta e cinco trabalhos, sendo; duzentas e noventa e quatro dissertações e, noventa e uma teses. Refinando a busca por “Assunto: Prevenção” nos defrontamos com quinze trabalhos e, “Violência sexual”, com treze trabalhos. Em seguida, analisamos os trabalhos do tema “Prevenção”; sendo eles, nove dissertações e seis teses, das quais seis possuem aderência com a nossa pesquisa; três tratam especificamente da prevenção ao uso de drogas e, sete na área da saúde sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Já no tema “Violência sexual”, nos defrontamos com onze dissertações e 2 teses das quais uma, se repete no tema “Prevenção” e, nove mostram aderência às discussões deste estudo.

Desta forma, pensando em uma melhor visualização dos dados, as teses avistadas foram sistematizadas no Quadro 1.

## 2.2 Análises

Após a realização das pesquisas, é importante organizar as informações de forma que facilite a visualização das análises. Nesse sentido, o Quadro 1 apresenta um resumo dos estudos selecionados, detalhando os seguintes aspectos: tema/título, objetivo e ano.

**Quadro 1** – Elementos considerados pertinentes para análise

Tema/ título	Objetivo
<b>Violência Sexual</b>	
Livro “O que é privacidade?” uma ferramenta de prevenção da violência sexual para	O trabalho visa apresentar a trajetória e fundamentação teórica da criação de um recurso educativo para a promoção do diálogo com crianças

crianças.	de 3 a 8 anos. <b>Ano: 2017</b>
Abuso sexual contra criança e adolescente: análise de inquéritos.	Analisar os inquéritos policiais de abuso sexual contra crianças e adolescentes de até 18 anos incompletos, registrados na Delegacia de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (DEDDICA) de Cuiabá, no ano de 2016. <b>Ano: 2019</b>
“Abuso não vai rolar”; desenvolvimento e validação de uma tecnologia educacional para as adolescentes com deficiência intelectual.	O estudo teve como objetivo desenvolver e validar uma tecnologia educacional, de base sócio-histórica, direcionada para a educação sexual das adolescentes com deficiência intelectual. <b>Ano: 2020</b>
Violência sexual contra crianças na idade pré-escolar: em foco, a percepção de nove gestoras dos centros municipais de educação infantil da DDZ/Leste II da cidade de Manaus-AM.	Analisar como está sendo (ou não) o trabalho de Educação sexual sob a percepção das gestoras quanto às questões relacionadas à violência sexual contra crianças no contexto da Educação infantil, nos Centros Municipais de Educação infantil (CMEI) da cidade de Manaus-AM. <b>Ano: 2020</b>
Cartografia do corpo em estudantes universitárias vítimas de violência sexual.	Visibilizar a violência de gênero que acontece no interior das instituições de educação superior, centrando a análise nas possíveis consequências no corpo e sexualidade das estudantes. <b>Ano: 2021</b>
Deficiência Intelectual e sexualidade: a violência sexual em foco.	Investigar a vulnerabilidade de jovens com deficiência intelectual frente as situações de violência sexual e identificar os conhecimentos desses jovens e de seus responsáveis e professores/as sobre sexualidade, sexo, violência sexual e sua prevenção. <b>Ano: 2022</b>
Análise sobre a articulação da rede de proteção acerca dos casos de violência sexual: percepção dos profissionais envolvidos.	Identificar como a rede de proteção à violência contra crianças e adolescentes de uma cidade do interior de São Paulo, deve ser articulada, na percepção de alguns de seus atores. <b>Ano: 2023</b>
Crianças em Risco! Formação docente e estratégias de mobilização para prevenção à violência sexual em escolas de Duque de Caxias – RJ.	Investigar de que forma a formação docente tem contribuído para ações de prevenção da violência/abuso dentro da escola, bem como analisar procedimentos e medidas tomadas para esta prevenção.

	<b>Ano: 2023</b>
Educação em sexualidade: enfrentamento e prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar.	Compreender como o espaço escolar atua no processo de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes.
<b>Prevenção</b>	<b>Ano: 2023</b>
A promoção da saúde sexual e reprodutiva no ensino médio: os desafios do cenário de escolas que atendem comunidades quilombolas.	Descrever os desafios para a promoção da saúde sexual e reprodutiva entre estudantes do ensino Médio que residem em comunidades quilombolas.
Violência contra mulheres nas Universidades: contribuições da produção científica para sua superação.	Evidenciar as contribuições teóricas e empíricas, no âmbito da educação, difundidas em artigos científicos nacionais e internacionais, relacionados à temática da violência de gênero na universidade, com destaque para a violência contra a mulher.
Elaboração e avaliação de um jogo didático como proposta de ensino sobre as infecções sexualmente transmissíveis.	Elaborar um jogo investigativo sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) com os alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Capitão Oswaldo Ornelas, de São Gonçalo/ RJ.
Fatores preventivos de violência de gênero no contexto universitário.	Investigar como as amizades e o grupo de pares podem atuar como fator de prevenção de violência de gênero para mulheres jovens universitárias no Brasil e o papel da instituição educacional em fomentar ações que favoreçam a prevenção de violência de gênero em contexto universitário brasileiro.
Tertúlias Dialógicas Pedagógicas na formação docente: prevenção de violência sexual contra crianças e adolescentes.	Analisar limites e possibilidades de um curso de formação continuada na perspectiva dialógica de formação de professores na temática da violência sexual, em torno da leitura e diálogo de artigos científicos.
	<b>Ano: 2023.</b>

Nota: Elaboração própria (2024)

Iniciando as análises e indo ao encontro do Quadro 1 exposto, nos deparamos com a dissertação de mestrado de Caroline Acari Meyer, intitulada “Livro “O que é

Privacidade?": uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças". A pesquisa procurou apresentar a trajetória e fundamentação teórica da criação de um recurso educativo para a promoção do diálogo com crianças de 3 a 8 anos, como estratégia de enfrentamento da violência sexual.

A autora apresenta a trajetória e fundamentação teórica da criação de um recurso educativo, no caso um livro e, sintetiza o estudo da educação sexual e suas contribuições no enfrentamento da violência sexual contra crianças.

Como considerações finais, Meyer sugere que o recurso feito para combater a violência sexual, facilitar o diálogo e criar momentos e espaços para informação, atenção e debate, visa também, empoderar a criança para que ela possa reconhecer situações de risco e buscar apoio de adultos de confiança em seu ambiente.

O próximo artigo designado é o texto 2, "Abuso sexual contra criança e adolescente: análise de inquéritos", de Elenice Martins da Silva Matos. A autora analisou os inquéritos policiais de abuso sexual contra crianças e adolescentes de até 18 anos incompletos, registrados na Delegacia de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (DEDDICA) de Cuiabá, no ano de 2016.

A pesquisa possibilitou entender os resultados das investigações sobre casos de abuso sexual de crianças e adolescentes, assim como o perfil das vítimas, suas famílias e os agressores, além das circunstâncias que cercam esses crimes. Esse diagnóstico situacional, além de trazer à tona a realidade, pode ajudar na criação de estratégias de prevenção e na fundamentação de políticas para enfrentar esse fenômeno.

Seguindo o exposto do texto 3, "Abuso não vai rolar: desenvolvimento e validação de uma tecnologia educacional para as adolescentes com deficiência intelectual" com autoria de Keise Bastos Gomes da Nóbrega, buscou desenvolver e validar uma tecnologia educacional, de base sócio-histórica, direcionada para a educação sexual das adolescentes com deficiência intelectual. O estudo foi desenvolvido em três fases: diagnóstico, construção e validação da tecnologia educacional.

A primeira fase foi qualitativa e objetivou a identificação de estratégias, recursos e temas a serem utilizados na tecnologia educacional. Foi realizada com 19 adolescentes, 17 mães/cuidadoras e 22 profissionais através de grupos focais. Na

segunda fase foi construída a tecnologia educacional, que buscou as referências de desenvolvimento de materiais para pessoas com baixa escolaridade e linguagem simples. Na terceira fase ocorreu a validação de aparência e conteúdo com juízes especialistas.

Como resultados, a tecnologia educacional funcionará como uma referência técnico-científica a ser aplicada em serviços assistenciais e educacionais. Além disso, poderá ajudar pais e profissionais na educação sexual das adolescentes, visando à prevenção do abuso sexual, identificação de situações de risco e implementação de ações de proteção.

Caminhando para o texto 4, " Violência sexual contra crianças na idade pré-escolar: em foco, a percepção de nove gestoras dos centros municipais de educação infantil da DDZ/Leste II da cidade de Manaus-AM", de Rosana Trindade de Matos, buscou analisar como está sendo (ou não) o trabalho de Educação sexual sob a percepção das gestoras quanto às questões relacionadas à violência sexual contra crianças no contexto da Educação infantil, nos Centros Municipais de Educação infantil (CMEI) da cidade de Manaus-AM.

Com a pesquisa, Matos (2020) conclui que, é fundamental dar visibilidade ao empoderamento das crianças no ambiente escolar para proteger os alunos da violência sexual e, é essencial que toda a comunidade escolar trabalhe em conjunto, desde entender os termos relacionados a essa violência até denunciar suspeitas de abuso. Além disso, faz-se necessário um fortalecimento político para garantir formação sobre violência sexual a todos os profissionais da educação e disponibilizar materiais adequados, integrando essas questões nos documentos oficiais da escola.

Dando continuidade à discussão dos temas, apresentamos o texto 5, intitulado "Cartografia do corpo em estudantes universitárias vítimas de violência sexual.", de Giselle Alejandra Pincheira Navarro. Na pesquisa, a autora buscou evidenciar a violência de gênero que ocorre nas instituições de educação superior, focando na análise das possíveis consequências para o corpo e a sexualidade das estudantes.

Dividida em três estudos, o primeiro teve como objetivo geral resumir e analisar a produção científica nacional e internacional relacionada às consequências enfrentadas pelas vítimas de violência de gênero no ambiente universitário. O segundo estudo teve como objetivo descrever as diferentes formas de violência de

gênero vivenciadas pelas estudantes no ambiente universitário ou pela comunidade acadêmica. Participaram 29 estudantes de universidades federais brasileiras, que responderam a um questionário online sobre caracterização da violência. O terceiro estudo teve como objetivo identificar as possíveis consequências e impactos na corporeidade e na sexualidade de estudantes que sofreram violência sexual no ambiente universitário. Onze estudantes participaram de entrevistas remotas, utilizando métodos visuais como linhas do tempo e cartografias corporais.

Os resultados indicaram impactos significativos no desenvolvimento das universitárias, evidenciando a relação entre violência sexual e a distorção da imagem corporal, além de uma desconexão com seu corpo e distanciamento da sexualidade após o abuso. Ressalta-se a importância de explorar as questões subjetivas relacionadas às experiências de violência sexual, visando minimizar os impactos por meio de apoio profissional e políticas institucionais com uma perspectiva de gênero nas universidades.

Seguindo o Quadro 1, nos deparamos com o texto 6, intitulado “Deficiência Intelectual e sexualidade: a violência sexual em foco.”, por Marlon José Gavlik Mendes, que teve como objetivo investigar a vulnerabilidade de jovens com deficiência intelectual frente as situações de violência sexual e identificar os conhecimentos desses jovens e de seus responsáveis e professores/as sobre sexualidade, sexo, violência sexual e sua prevenção.

Mendes (2022) utilizou-se do instrumento "What if – Situations test" com nove jovens diagnosticadas/os com deficiência intelectual que vivem no interior do estado de São Paulo, com o objetivo de analisar sua vulnerabilidade a situações de violência sexual. Além disso, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com essas jovens, suas responsáveis e professoras, abordando temas como sexo, sexualidade, educação sexual e formas de proteção contra a violência sexual.

Os resultados indicaram que os jovens apresentam uma vulnerabilidade significativa à violência sexual, enfrentando dificuldades para identificar situações de risco e agir adequadamente. As respostas a essas situações foram influenciadas por construções sociais de gênero, alinhando-se a expectativas tradicionais do comportamento masculino e feminino. Os discursos das responsáveis refletem uma superproteção em relação a seus filhos, criando um sistema de vigilância e controle

sobre seus corpos, além de promover visões infantilizadoras e assexuais sobre a deficiência. As professoras também perceberam esses discursos e tentam realizar trabalhos educativos com os alunos, mas sua atuação é marcada por um controle sobre os corpos e pela presença de discursos hipersexualizantes relacionados à deficiência.

Prosseguindo com o mapeamento, o texto 7 “Análise sobre a articulação da rede de proteção acerca dos casos de violência sexual: percepção dos profissionais envolvidos.”, de Shirlei Mendes Faustino. A autora busca identificar como a rede de proteção à violência contra crianças e adolescentes de uma cidade do interior de São Paulo, deve ser articulada, na percepção de alguns de seus atores.

Como considerações finais, (Faustino, 2023) revela a necessidade de uma maior colaboração entre diferentes setores, além da responsabilização de determinados atores. A falta de formação técnica e a escassez de alinhamentos também se destacam como aspectos negativos. As práticas não discursivas observadas estão relacionadas a dinâmicas de poder resultantes de uma cultura de violência, à qual essa rede de proteção está subordinada.

Avançando para o texto 8, “Crianças em Risco! Formação docente e estratégias de mobilização para prevenção à violência sexual em escolas de Duque de Caxias – RJ”, com autoria de Thayse Sena Gonçalves Negreiro, procurou investigar de que forma a formação docente tem contribuído para ações de prevenção da violência/abuso sexual na escola, bem como analisar procedimentos e medidas para esta prevenção.

Neste percurso, a autora percebeu uma lacuna na formação dos docentes que atuam na Educação Infantil nos anos iniciais. Através de conversas, com as crianças, percebeu que as situações de abuso aumentaram durante a pandemia, período em que as crianças estiveram mais perto de seus agressores, este em sua maioria encontrados no âmbito familiar.

Finalizando o tema Violência sexual, proseguimos para o texto 9 “Educação em sexualidade: enfrentamento e prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar”, de Jesiane da Luz Oliveira.

Oliveira (2023), buscou compreender como o espaço escolar atua no processo de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. A pesquisa foi

realizada no Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda (CMGDM) em Jacobina/BA, focando nos docentes do ensino fundamental. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e utilizou uma metodologia colaborativa. Os instrumentos utilizados foram grupos focais e entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi feita por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin.

Como resultado, foi identificado que a escola ainda não possui diretrizes claras para os docentes sobre como agir ao identificar casos de violência sexual, o que dificulta intervenções precoces e agrava as consequências. Diante das dificuldades relatadas pelos colaboradores ao tratar da violência sexual e da educação em sexualidade, foi proposta a implementação de um plano de formação continuada. Esse plano visa ampliar a compreensão sobre a importância da educação em sexualidade, promovendo a prevenção da violência contra crianças e adolescentes.

Prosseguindo com o mapeamento dentro do descritor Prevenção, com o texto I, “A promoção da saúde sexual e reprodutiva no ensino médio: os desafios do cenário de escolas que atendem comunidades quilombolas”, de Valéria Nuci Silva.

A pesquisa buscou descrever os desafios para a promoção da saúde sexual e reprodutiva entre estudantes do ensino Médio que residem em comunidades quilombolas, utilizando o quadro de Vulnerabilidade e Direitos Humanos (V&DH) para destacar os fatores e dinâmica que aumentam a suscetibilidade as IST/HIV e gravidezes não planejadas.

Com este estudo, Silva (2018) concluiu que, diversos aspectos de dificuldades desta população estão associados ao estigma à comunidade quilombola que se somam a precariedade de recursos, entre eles, pouco uso de preservativos e dificuldade de acesso a métodos contraceptivos e programas educativos e serviços voltados aos jovens, acesso à internet e telefone, precariedade das estradas e desprezo pelas tradições culturais.

Transpondo para o texto II, “Violência contra mulheres nas Universidades: contribuições da produção científica para sua superação”, de Daniela Mara Gouvêa Belini. A autora buscou destacar as contribuições teóricas e empíricas, no campo da educação, presentes em artigos científicos nacionais e internacionais sobre a violência de gênero nas universidades, com ênfase na violência contra a mulher.

Foi contatado que, no Brasil, não existem políticas ou legislações específicas sobre o tema. Com base nas análises e na literatura revisada, foi elaborada uma lista de recomendações para a prevenção e o enfrentamento da violência contra as mulheres nas universidades.

Seguimos para o texto 12, “Elaboração e avaliação de um jogo didático como proposta de ensino sobre as infecções sexualmente transmissíveis”, com autoria de Bruno Côrtes da Silva.

O autor elaborou um jogo investigativo sobre as IST, para ser aplicado com alunos do ensino Médio de uma escola do Rio de Janeiro. Primeiramente, fez-se um levantamento das concepções prévias dos alunos sobre as ISTs, realizou testes do jogo com mestrandos da PROFBIO/UERJ, aplicou e avaliou o jogo através de questionário.

Silva (2020), conclui evidenciando a avaliação do jogo em Atividade de Livre Associação, revelando progresso nos conhecimentos dos discentes sobre IST e prevenção.

Encaminhando para o final da caracterização dos estudos destaca-se o texto 13, “Fatores preventivos de violência de gênero no contexto universitário”, de Juliana Barbosa Consonni. A autora buscou examinar de que maneira as amizades e os grupos de pares podem servir como um fator de prevenção da violência de gênero para jovens universitárias no Brasil, além de analisar o papel das instituições educacionais em promover ações que ajudem a prevenir essa violência no ambiente universitário.

A pesquisa foi fundamentada em investigações e práticas relacionadas à linha de pesquisa sobre socialização preventiva da violência de gênero, orientadas pelo conceito de Aprendizagem Dialógica e por autores e autoras dialógicos que destacam a importância das interações no desenvolvimento da identidade.

A análise dos dados revelou que a pressão dos pares é um fator excludente, levando as estudantes a realizarem ações indesejadas nas relações afetivo-sexuais e em outros comportamentos no ambiente universitário. No entanto, assim como demonstram pesquisas internacionais, o grupo de pares pode desempenhar um papel preventivo em relação à violência de gênero entre jovens. As relações de solidariedade e diálogo entre as estudantes, além de interações respeitadas, são

elementos transformadores. A rede de apoio às vítimas de violência também se destacou como um aspecto significativo. Com base nas conversas com as estudantes, foram sugeridas práticas para que as universidades promovam a prevenção da violência no contexto universitário brasileiro.

Terminando a investigação proposta, nos deparamos com o texto 14, “Tertúlias Dialógicas Pedagógicas na formação docente: prevenção de violência sexual contra crianças e adolescentes.”, de Rafaela Maria Rodrigues.

Rodrigues (2023), procurou analisar limites e possibilidades de um curso de formação continuada na perspectiva dialógica de formação de professores na temática da violência sexual, em torno da leitura e diálogo de artigos científicos.

A questão da pesquisa que guiou os estudos é: Como a Formação Dialógica Pedagógica, realizada por meio de um curso de formação continuada, organizado com base em Tertúlias Dialógicas Pedagógicas de textos científicos sobre prevenção de violência sexual contra crianças e adolescentes pode atuar sobre concepções de docentes nele participantes e do engajamento em sua prática profissional no tema?

Como finalização, o curso proporcionou às professoras um conhecimento aprofundado sobre a prevenção do abuso sexual infantil. A análise revelou a necessidade de uma maior colaboração entre a escola e o Conselho Tutelar para proteger crianças e adolescentes. Além disso, as Tertúlias Dialógicas e o Clube de Valentes se mostraram ações eficazes na prevenção de violências. Também é urgente capacitar profissionais da educação sobre a prevenção da violência sexual infantil.

### 2.3 RESULTADOS

Com base na pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT), os trabalhos aqui selecionados revelaram uma diversidade de abordagens e temáticas que vem de encontro com a prevenção da violência sexual na conjuntura educacional. Destacam-se, o trabalho de Meyer (2017) que trouxe uma ferramenta inédita para a prevenção da violência sexual infantil, com a criação de um livro educativo que visa promover o diálogo com crianças de 3 a 8 anos sobre privacidade e situações de risco. Matos (2020) evidenciou a importância da educação sexual nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) de Manaus,

destacando a necessidade de formar gestores e educadores para lidar com a prevenção da violência sexual no ambiente escolar.

Outro estudo relevante foi o de Nóbrega (2020), que desenvolveu uma tecnologia educacional voltada para a educação sexual de adolescentes com deficiência intelectual. Este trabalho sugeriu estratégias de prevenção de abusos através de um enfoque sócio-histórico, validando a importância de métodos específicos para populações vulneráveis. Além disso, o trabalho de Oliveira (2023) investigou o papel das escolas no enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, apontando a ausência de diretrizes claras para os docentes e sugerindo a criação de um plano de formação continuada como solução.

Aprofundando a questão da formação continuada dos docentes, ela é fundamental por inúmeras razões, entre elas; a reflexão de práticas pedagógicas eficazes, atualização frente a novas metodologias e tecnologias e, fortalecimento de redes de apoio.

Neste sentido, a obra de Rodrigues (2023) nos evidenciou que, através de um curso como o Tertúlias Dialógicas Pedagógicas, pode ser um exemplo de ação eficaz na prevenção de violências. Como também, denotou a urgência em capacitar profissionais da educação sobre a prevenção da violência sexual infantil.

## 2.4 CONCLUSÃO

A revisão da produção acadêmica realizada nas últimas décadas sobre estigmas relacionados à sexualidade, com ênfase na violência sexual, evidenciou lacunas significativas no desenvolvimento de estratégias preventivas no âmbito educacional. Embora a temática da prevenção tenha sido discutida em alguns trabalhos, a maioria dos estudos aborda a questão de forma tangencial, concentrando-se em áreas como saúde ou segurança pública, sem um norteamento para o campo educacional.

Os resultados apontam para a necessidade urgente de intervenções mais sistemáticas nos espaços escolares, tanto no que diz respeito à formação de docentes quanto à implementação de programas que abordem a sexualidade de forma crítica e emancipatória. Apesar de iniciativas como a criação de materiais educativos para crianças (Meyer, 2017) e tecnologias de ensino para adolescentes com deficiência

(Nóbrega, 2020) representarem avanços, ainda há uma carência de políticas abrangentes que integrem a educação sexual no currículo escolar como ferramenta de prevenção contra abusos e violência.

Dessa forma, é imperativo que as instituições educacionais, em conjunto com as autoridades públicas, adotem uma postura proativa, desenvolvendo diretrizes e recursos que capacitem educadores e estudantes para reconhecerem e prevenirem a violência sexual. Além disso, a formação continuada de professores deve ser uma prioridade, visando preparar os profissionais da educação para lidar com essas questões de maneira assertiva, contribuindo para a criação de um ambiente escolar mais seguro, inclusivo e sem discriminações.

## REFERÊNCIAS

BELLINI, Daniela Mara Gouvêa. **Violência contra mulheres nas Universidades: contribuições da produção científica para sua superação (Scielo e Web of Science 2016 e 2017)** / Daniela Mara Gouvêa Bellini. -- 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9942> Acesso em: 13/09/2024.

CONSONNI, Juliana Barbosa. **Fatores preventivos de violência de gênero no contexto universitário.** 2023. Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/18093> Acesso em: 13/09/2024.

FAUSTINO, Shirlei Mendes. **Análise sobre a articulação da rede de proteção acerca de casos de violência sexual: percepção dos profissionais envolvidos.** 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/18074>. Acesso em: 13/09/2024.

GOFFMAN, E. (1975). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC.

MATOS, Rosana Trindade de. **Violência sexual contra crianças na idade pré-escolar: em foco a percepção de nove gestoras dos Centros Municipais de Educação Infantil da DDZ/leste II da cidade de Manaus/AM.** 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8099>. Acesso em 13/09/2024.

MENDES, M. J. G. **Deficiência intelectual e sexualidade: a violência sexual em foco.** 2022. 193 f. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16166> Acesso em 13/09/2024.

MEYER, Caroline Arcari. **Livro "O que é privacidade?": uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças** / Caroline Arcari Meyer — 2017 110 f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/150592> Acesso em: 13/09/2024.

NAVARRO, G. A. P. (2021). **Cartografia do corpo em estudantes universitárias vítimas de violência sexual**. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCar. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15592>. Acesso em 13/09/2024.

NEGREIROS, Thayse Sena Gonçalves. **Crianças risco! Formação docente e estratégias de mobilização para a prevenção à violência sexual em escolas de Duque de Caxias - RJ**. 2023. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2023. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/19938> Acesso em: 13/09/2024.

NÓBREGA, Keise Bastos Gomes da. **"Abuso não vai rolar": desenvolvimento e validação de uma tecnologia educacional para as adolescentes com deficiência intelectual**. 2020. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e Adolescente) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38833> Acesso em: 13/09/2024.

OLIVEIRA, Jesiane da Luz. **Educação em sexualidade: enfrentamento e prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar**. Orientadora: Maria José Souza Pinho. 2023. 130f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de Ciências Humanas - Campus IV. Universidade do Estado da Bahia, 2023. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/5318> Acesso em: 13/09/2024.

1175

RODRIGUES, Rafaela Maria. **Tertúlias Dialógicas Pedagógicas na formação docente: prevenção de violência sexual contra crianças e adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17791> Acesso em: 13/09/2024.

SANTOS, Elenice Martins da Silva. **Abuso sexual contra criança e adolescente: análise de inquéritos**. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Enfermagem, Cuiabá, 2019. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/3181> Acesso em 13/09/2024.

SILVA, Brunno Côrtes. **Elaboração e avaliação de um jogo didático como proposta de ensino sobre as infecções sexualmente transmissíveis**. 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia) - Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/20811> Acesso em: 13/09/2024.

SILVA, Valeria Nanci. **A promoção da saúde sexual e reprodutiva no ensino médio: os desafios do cenário de escolas que atendem comunidades quilombolas**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.47.2018.tde-18072018-181622. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-18072018-181622/pt-br.php> Acesso em: 13/09/2024.